

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA: RESPEITO E VALORIZAÇÃO À DIVERSIDADE DO PATRIMÔNIO CULTURAL¹

Diego Gomes dos Santos²
Keyth Saborido Ratis³

Resumo: Este trabalho teve como proposta desenvolver atividades educacionais sobre a diversidade cultural, tema apontado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a ser mais explorado nas escolas, utilizando o museu enquanto instituição de saber, de memória e de guarda do patrimônio histórico. Entendemos assim como Maria de Lourdes Horta, que a Educação Patrimonial se configura como instrumento que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. E também por proporcionar o contato direto entre os indivíduos e os objetos históricos e culturais em espaços como o museu, seguindo quatro etapas: a observação, o registro, a exploração e a apropriação. Portanto, ao trabalhar a diversidade cultural utilizando os museus, contribuimos na formação cultural e cidadã dos alunos, valorizando o respeito às diferenças e o reconhecimento das identidades individuais e memórias coletivas.

Palavras-chave educação, diversidade cultural, patrimônio histórico.

O seguinte trabalho é resultante de atividades desenvolvidas nos projetos - *Educação, Memória e Patrimônio Histórico* e *A História e o Objeto: A Inserção dos Museus na Escola*, realizados na Escola Ministro Jarbas Passarinho na cidade de Camaragibe, Pernambuco, com turmas do ensino fundamental e ensino médio, durante o segundo semestre de 2011. Como bolsistas do PIBID, estamos desenvolvendo e aplicando metodologias através de ações pedagógicas que buscam auxiliar o professor e melhorar o aprendizado dos alunos.

As ações pedagógicas deste trabalho tiveram por objetivo principal trabalhar o tema diversidade cultural no ensino de História a partir de atividades relacionadas com os museus de Pernambuco, bem como valorizar o patrimônio (material e imaterial) através do uso da linguagem museal em sala de aula. A fim de auxiliar na política

¹ Este trabalho foi orientado por Ricardo de Aguiar Pacheco, professor doutor adjunto do Departamento de Educação da UFRPE.

² Graduado em História pela UFRPE, bolsista do PIBID através da CAPES. Pós-graduando em Coordenação pedagógica pela FAFIRE. diego-recife@hotmail.com

³ Graduanda em História pela UFRPE, bolsista do PIBID através da CAPES. Keyth_sbr@hotmail.com



escolar de respeito às diferenças, e também oferecer aos professores outros métodos para o ensino de História ao utilizar os museus. Identificamos que apesar de haver um maior incentivo dos livros didáticos para uma maior utilização dos museus enquanto um recurso auxiliar no ensino da disciplina, esse espaço ainda é pouco aproveitado quanto as suas diversas aplicações no processo de ensino-aprendizagem dos saberes e conteúdos históricos. Já que a maioria dos professores, e também alunos, não reconheciam ou não estavam preparados para utilizar os museus como espaços de saber, de memória e de patrimônio histórico e cultural da sociedade.

A DIVERSIDADE CULTURAL EM SALA DE AULA

Neste início de século XXI presenciamos a “Era da informação” compreendida aqui, como resultado de um estágio avançado do fenômeno mundial chamado Globalização que, de forma extremamente acelerada, trouxe desde segunda metade do século XX com a “Terceira revolução Tecnológica”, uma imensa interligação comercial e cultural entres os países do mundo. Fatos ocorridos no Oriente chegam a questões de minutos nas telas de televisão ou na internet. Um show realizado no Brasil pode ser transmitido simultaneamente pelo satélite para outros países, ou seja, a distância não é mais um problema na “Era da informação”.

Da mesma forma, a distância não é um fator providencial para não se entrar em contato com amigos e entes queridos ou conhecer novas pessoas, basta apenas possuir os meios de comunicação como, por exemplo, a internet. É neste contexto que se encontra a escola do século XXI aonde vem se configurando como um espaço de sociabilidade composto por alunos que passam horas e mais horas em frente de um computador “navegando” na internet que, na maioria das vezes, participam de redes sociais em busca de grupos e pessoas com gostos e costumes iguais ou parecidos aos seus.

Contudo, ao mesmo tempo em que se formam grupos a partir de determinadas afinidades, ocorre um processo inverso, pois aqueles que são considerados diferentes do grupo sofrem com o preconceito. Como não há um grande controle nas redes sociais, o que de início é tido como preconceito, que se configura como o ato de julgar algo sem ter conhecimento do mesmo, se torna discriminação. Ou seja, um processo de exclusão e segregação. E o pior, este duplo fenômeno antagônico, de integração e exclusão, passaram na sala de aula com mesma intensidade de como ocorre na internet.

Vale ressaltar que a discriminação é entendida como o ato de separar, excluir, distinguir, estabelecer diferenças como forma de legitimar determinada superioridade. Portanto, a partir do preconceito pode-se ocorrer o processo discriminatório. Pois, “De acordo com essas definições, o preconceito se expressa na sociedade, mas não necessariamente segrega ou discrimina; já a discriminação promove baseada em certos preconceitos, a separação de grupos ou pessoas”.⁴ Tal conceito por se expressar na sociedade é um fenômeno cultural por natureza. Visto que a cultura é

“Uma construção resultante das lutas e contradições da sociedade, refletindo as experiências que as pessoas possuem e dispõem. Um capital cultural que está em constante transformação ou afirmação, pois, como um produto historicamente elaborado, constitui-se em expressão de resistência ou de afirmação.”⁵

Vale lembrar que na escola, o professor tem que lidar com crianças e adolescentes que estão no auge deste processo de resistência e de afirmação. Processo este que se configura como um conjunto de representações das relações que o indivíduo desenvolve em si e com os grupos, que está em constante transformação, “um processo de metamorfose que representa a pessoa e a engendra”⁶. Portanto, é a partir deste processo que há construção da identidade individual e também coletiva.

Por isso, é importante favorecer momentos de reflexão e discussão sobre o tema diversidade cultural, pois se apresenta diariamente por meio de notícias de jornais, revistas, internet e outros meios de comunicação, como questão social a ser discutido nas escolas. Dessa forma deve-se exigir das instituições governamentais de todo mundo mais empenho na política de respeito às diferenças, principalmente nas escolas, já que a sociedade deposita nela a função de formar os cidadãos de um mundo mais democrático.

Vale ressaltar que os Parâmetros Curriculares nacionais (PCN's)⁷ de História, aconselham trabalhar a diversidade cultural nos conteúdos históricos e disciplinares nas instituições escolares ao mesmo tempo em que defende um ensino escolar que preze

⁴ COSTA, Ricardo Cesar Rocha da; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Sociologia para jovens do século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo milênio, 2007, p. 136.

⁵ GIROUX, Henry; SIMON, Roger. **Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular**. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomas Tadeu da(Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 93-124.

⁶ CIAMPA, A. C. **Identidade**. In: LANE, S.; CODO, W. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁷ BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Secretária de educação Básica, 1997. p. 166.

pela qualidade da educação, na valorização dos bens culturais locais e nacionais, e pelo direito de acesso a memória.

“Os lugares da memória são, antes de tudo, restos. (...) Os lugares da memória nascem e vivem dos sentimentos que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, por que essas operações não são naturais.”⁸

Os lugares da memória também funcionam como um espaço de guarda dos bens culturais e históricos; como símbolos materiais e imateriais de uma herança; como portadores de significados, que podemos atribuir-lhes a partir da relação que se estabelece entre o bem e o sujeito que com ele interage, ressignificando seu sentido e sua função para a sociedade. Deste modo, sabe-se que a memória e os lugares de memória são fundamentais para a manutenção da tradição e transmissão dos saberes de pai para filho e etc. É importante para cultivar o sentimento de pertencimento nos indivíduos, mostrando que eles fazem parte de uma cultura, de uma região ou mesmo da escola do bairro onde estuda.

É neste enfoque que se encontra o museu que vem evidenciando cada vez mais seu caráter educativo, não somente pela sua importância enquanto espaço de memória. Mas também como um espaço capaz de permitir a exploração de valores fundamentais para a sociedade como o respeito à diversidade cultural e a valorização do patrimônio histórico. Desde o século XX que órgãos como Conselho Internacional de Museus (ICOM) e a Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) vêm se importando com o papel educativo do museu para o ensino nas escolas, levando em consideração seu potencial e dimensão crítica para a formação cidadã.

É verdade que neste início de século XXI houve um maior emprego do patrimônio histórico através dos museus e sítios históricos como um recurso auxiliar no ensino de História. Mas, o museu ainda é pouco utilizado quanto as suas diversas aplicações no processo de ensino-aprendizagem. Às vezes por falta de logística e tempo ou por falta de conhecimento de qual metodologia aplicar ao visitar um lugar de memória como o museu.

8 NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, 1993. p. 15.

APRENDENDO A PRESERVAR O PATRIMÔNIO

A metodologia de educação patrimonial vem embasando as discussões a cerca da diversidade cultural nas salas de aula. Tal metodologia possui a característica por proporcionar o contato direto entre os alunos e os objetos históricos e culturais da sociedade. Facilitando, assim, o processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História e também mostrando que cada povo possui sua própria cultura e que não há cultura melhor que a outra, mas cada qual com suas particularidades.

Escolhemos museus do Estado de Pernambuco, e prezamos por uma visita planejada, para não cometermos o erro de cairmos no senso comum de levar os alunos para o museu apenas para visitá-lo e depois pedir relatórios escritos, e confundir passeio com aula. Buscamos nos aprofundar mais sobre a Educação Patrimonial e suas possibilidades de aplicação, pois segundo Horta:

“A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.”⁹

Como o Estado de Pernambuco possui vários museus, principalmente na região metropolitana do Recife, buscamos utilizar estes lugares de memória institucionalizados como espaços educativos. Visto que, segundo Pacheco¹⁰ o museu, assim como os sítios históricos, é um rico espaço educativo e a Educação Patrimonial o conjunto de ações pedagógicas que permite o contato direto entre os discentes e as fontes históricas.

Utilizar os museus como espaços educativos alternativos é muito importante, pois o objetivo da educação é provocar e criar as condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, pautado na ação precedida de uma reflexão sobre o sujeito e de uma análise sobre seu meio de vida. Visto que educar é educar para a vida. Lembrando que a cultura é dinâmica e não estática, que ela se apresenta diferente em cada povo e lugar, é preciso reforçar as particularidades, mas também respeitar a diferença.

Como alega a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) “cabe aos pernambucanos e pernambucanizados, donos e criadores de

⁹ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBER, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 2006. p. 06.

¹⁰ PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O ensino de História com base na Educação Patrimonial e no Estudo do Meio**. Cadernos do CEOM (UNOESC), v. 22, 2010.p. 145 – 155.

tamanha riqueza, ficar atentos para reconhecer, valorizar, registrar, fiscalizar e defender seus patrimônios, recusando a padronização e se orgulhando sempre de sua identidade cultural”. Os bens culturais ao estimular um sentimento de pertencimento a um grupo ou indivíduo, se configuram em patrimônio, que é entendido como,

“... marca que a identifica, que adquire um sentido comum, e é compartilhado por toda uma comunidade: um grupo de pessoas que tem em comum o sentimento de solidariedade, de agregação, de pertencimento a um grupo”¹¹.

Visto isto, o patrimônio está inteiramente ligado com a questão da identidade individual e coletiva dos alunos. Há basicamente dois tipos de patrimônio, o material e o imaterial. O patrimônio material é composto pelos objetos materiais como uma banca escolar, um quadro ou um carro. Do outro lado, faz parte do patrimônio imaterial as festas regionais, o modo específico de preparar um bolo ou uma música típica de um determinado povo. Existem várias outras classificações de patrimônio: patrimônio histórico, patrimônio cultural, patrimônio financeiro, patrimônio ambiental, patrimônio religioso, patrimônio da humanidade e etc. Contudo, um grande problema que se apresenta na escola e fora dela é o cuidado com o patrimônio público.

No senso comum, ocorre o erro de pensar que o patrimônio público é de “ninguém” e, por hipoteticamente não ter dono, pode-se fazer o que bem quiser. Esta errônea ideia é reproduzida dentro da escola, pois a depredação do patrimônio público escolar é muito presente em várias escolas da rede pública do Brasil. Portanto, mostrar aos alunos que o ventilador da escola ou a banca escolar são pagos com os impostos da sociedade, inclusive dos seus familiares, e que não é correto quebrá-los. Estamos ressaltando valores morais fundamentais para a formação cidadã. E o museu, como local de preservação e guarda dos bens culturais, se configura também como um espaço para reflexões sobre a questão supracitada.

Ensinar pelos museus evidenciando seus bens materiais e imateriais é propor uma educação não formal que busca estimular e problematizar vários assuntos, desde questões relacionadas aos conteúdos da disciplina história até questões do cotidiano, como não depredar os bens públicos. Entendemos dessa forma, que a ligação entre o museu e a educação escolar, incentiva a preservação da memória e a construção de identidade.

¹¹ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBER, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 2006. p. 29.

OS MUSEUS NA SALA DE AULA

As ações pedagógicas foram realizadas em turmas do ensino fundamental e ensino médio. Destacaremos duas principais atividades: *Esse é o meu museu* (ensino fundamental) e *Criando narrativas através de objetos musealizados* (ensino médio), ambas realizadas no segundo semestre de 2011. Tais intervenções tiveram o objetivo de trabalhar o espaço museal, familiarizando os alunos com sua linguagem e incentivando a preservação do patrimônio cultural.

A primeira intervenção, *Esse é meu museu*, durou três semanas e consistiu em três etapas: realizações de oficinas, visitação a museus e elaboração de textos. Todas as três etapas utilizaram a educação patrimonial como metodologia de ensino de História e foram realizados em turmas do 6º ano do ensino fundamental da Escola Ministro Jarbas Passarinho. Inicialmente realizamos oficinas nas salas de aula sobre a diversidade cultural, a importância do museu para a sociedade e sua relação com o passado e guarda dos bens culturais. As oficinas foram aplicadas a partir da apresentação de slides e exposição de pequenos vídeos-documentários sobre o tema diversidade cultural.

Na etapa seguinte solicitamos a formação de grupos entre os alunos e distribuimos a eles cartolinas, colas, tesouras e tintas para que elaborassem uma exposição museológica a partir do material distribuído. E que escolhessem o tema, as representações dos objetos culturais, a forma de organizar a exposição e, depois de produzida a exposição, que apresentassem ao restante da turma argumentando o porquê de cada escolha.



Grupo de alunos do 6º ano realizando atividade ¹²



Alunos apresentando o “museu das invenções” ¹³

¹² Atividade no 6º ano *Esse é meu museu*. Fonte: acervo pessoal do autor.

¹³ Após a criação os alunos apresentaram para turma os museus criados na cartolina. Fonte: acervo pessoal do autor.

Ao término desta etapa, identificamos que quando os alunos elaboraram seus próprios “museus” nas cartolinas, eles apresentaram diversos temas que foram do frevo à hip hop, configurando que há uma grande diversidade cultural na própria escola. E durante as apresentações dos grupos, o tom das falas estava voltado para a necessidade de respeitar as escolhas dos colegas de classe.

Posteriormente, realizamos visitas aos museus do estado de Pernambuco como: o Museu do Homem do Nordeste, em Recife, o Museu do Mestre Vitalino, em Caruaru, e Museu do Mamulengo, em Olinda. Permitindo aos discentes o contato direto com conteúdos culturais e históricos através do desenvolvimento das quatro competências de aprendizagem da Educação Patrimonial: a observação, o registro, a exploração e a apropriação. Neste momento, os alunos fotografaram os objetos e buscaram tirar dúvidas sobre as exposições junto aos monitores dos museus e professores, anotando os dados que achavam interessantes.

Na terceira etapa, solicitamos um relatório escrito que atendesse as quatro competências de aprendizagem da Educação Patrimonial utilizando as anotações, fotografias realizadas durante as visitas aos museus e outras fontes de informações como livros e artigos. Nos relatórios produzidos pelos alunos percebemos que eles utilizaram as fotografias tiradas durante as visitas, onde colocaram nas legendas das imagens dados sobre os objetos como: nome do objeto, a origem e nome do autor. E no corpo do texto utilizaram informações que obtiveram durante as visitas dos museus. Conciliando com outras informações apreendidas nas salas de aula não só da disciplina de História, mas também de Artes, Geografia e Filosofia.

No ato da entrega dos relatórios dos alunos, tivemos um momento de reflexão sobre quais foram às experiências que eles tiveram ao visitar cada espaço museal. De acordo com as falas no momento de reflexão, pudemos identificar que houve um maior interesse dos alunos em participar do projeto quando compreenderam que o museu não serve apenas para o lazer ou local de guarda de objetos velhos, mas também como espaço educativo e de reprodução de valores sociais e culturais. Portanto, desenvolvendo capacidades e habilidades para compreender os conceitos do conhecimento histórico e das outras disciplinas escolares a partir das suas vivências nos museus.

CRIANDO HISTÓRIAS COM O PATRIMÔNIO

A atividade *Criando narrativas através de objetos musealizados*, foi realizada com duas turmas do 2º ano do ensino médio. O conteúdo escolhido O período Colonial no Brasil. Primeiramente os alunos tiveram diversas aulas sobre o Processo de colonização do Brasil, e a articulação com o professor de História fez com que discussões sobre patrimônio e identidade cultural estivessem presentes tanto nas aulas como também nas atividades durante a exposição dos conteúdos. O Museu Homem do Nordeste (Recife - PE) foi apresentado aos alunos através de fotografias da exposição, e os objetos mostrados se relacionavam diretamente com o conteúdo trabalhado na disciplina.



Alunos realizando atividade em grupo.¹⁴

O trabalho em grupo foi priorizado e dessa forma cada grupo recebeu uma imagem e um texto explicativo, ambos retirados do catálogo do museu. O primeiro passo foi de aliar o objeto da imagem com o conteúdo estudado nas aulas de História. O texto apoio trazia uma breve narrativa sobre o tema relacionado aquele objeto, como: Escravidão, religiosidade, nobreza e etc. Ao lado da fotografia tinham as informações técnicas, como material que foi confeccionado, ano de fabricação, a quem tinha pertencido, ou época de utilização.

No segundo momento os grupos tiveram que escolher em que linguagem seria produzida a releitura do objeto fotografado: história em quadrinho ou cordel. Para isso os alunos foram instruídos sobre a estrutura do cordel, e cada grupo recebeu exemplares folhetos e histórias em quadrinhos.

¹⁴ Alunos em grupo produzindo versos de cordel. Fonte: acervo pessoal do autora.

Entre os membros do grupo foi possível visualizar a discussão dos temas, o levantamento de hipóteses e dúvidas que surgiram na medida em que interpretavam as imagens e seus respectivos contextos.



Cordel e quadrinho feitos pelos alunos. Material didático usado na atividade.¹⁵

O trabalho com fotografia possibilitou a interação virtual desses alunos com o espaço museológico, porém é necessário ter em mente que nesta prática o professor deixar de ser um mero transmissor de conteúdo, e “converte-se num formulador de problemas e provocador de questionamentos, podendo desencadear o diálogo entre as diferentes falas, culturas e gerações”.¹⁶

Os resultados da intervenção descrita anteriormente se mostraram positivos, pois grande número dos alunos concluiu a atividade conseguindo estabelecer ligações entre o contexto histórico de origem do objeto e seu uso como peça de museu. A criatividade de alguns grupos foi surpreendente e traz a possibilidade de articular a criação de narrativas e os conteúdos históricos, mostrando que através da linguagem é possível utilizar a linguagem museal como estratégia de ensino. Entendemos dessa forma que há a possibilidade de articular a linguagem (verbal e não verbal) à linguagem museal, e acreditamos que ao ter sua lógica inserida em sala de aula o museu além de ser um lugar atrativo torna-se um meio de discussão, reflexão e aprendizado, estimulando as memórias, o conhecimento e à alteridade. Que na escrita da História há vários olhares e maneiras de fazê-la e que eles, os alunos, também são atores e sujeitos históricos.

¹⁵ Fonte: acervo pessoal da autora.

¹⁶ SARTORATO, Eliana Giro. SANTOS, Anderson Pinheiro (org.) **A imagem como ferramenta pedagógica.** Diálogos entre arte e público - Educadores entre museus e salas de aula: que diálogos são esses? Caderno de textos II. Fundação de cultura cidade do Recife, 2009. P.23.

CONCLUSÃO

Acreditamos que trabalhar com a Educação Patrimonial foi de fundamental importância para um processo sistemático de ensino centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo dos discentes. Visto que, ao trabalhar com o tema diversidade cultural no ensino de História pelos museus, os alunos que participaram das ações pedagógicas assimilaram bem a proposta do projeto, pois todos concordaram que o Brasil é um país multicultural.

Desta maneira compreendemos a diversidade cultural e a Educação Patrimonial, objeto e método, fundamentais no currículo regular da disciplina história. Já que ao utilizar essa metodologia durante as atividades educativas, houve um melhor aproveitamento dos alunos em relação ao usufruto dos museus e seus bens culturais. Reconhecendo a diversidade cultural vivenciada nos espaços museais visitados e reproduzindo os valores morais apreendidos como respeito às diferenças e ao patrimônio público e escolar.

Contudo, para que o museu seja usado em sala de aula é necessário evidenciar que o trabalho não começa no dia da visita. O planejamento da visita é de extrema importância, e com relação a esta etapa o professor pode direcionar suas aulas às temáticas da exposição que pretende explorar. As atividades realizadas antes e depois da visita tem que ser sistematizadas e devem promover a interação prévia desses alunos com o espaço museológico, além de serem meios de incentivar a produção conhecimento.

Portanto, além de discutir sobre a diversidade cultural na escola, este trabalho partiu da premissa de servir como relato de uma experiência concreta do ensino de História pelos museus. Onde buscou explorar nas suas ações pedagógicas o grande potencial dos museus como fontes de saberes históricos, culturais e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Maria; CAMPOS, Célia; ECHEVERRIA, Renata; JANSEN, Roberta; SILVA, Terezinha. **Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais**. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), 2009.p. 05.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Secretária de educação Básica, 1997.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 1995.

COSTA, Ricardo Cesar Rocha da & OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Sociologia para jovens do século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A editora. RJ, 2006. 11ª edição.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBER, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 2006.

GIROUX, Henry; SIMON, Roger. **Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular**. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomas Tadeu da(Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 93-124.

Libâneo, José Carlos. **A aula como forma de organização do Ensino**. In: *Didática*. São Paulo: Cortez, - (Coleção Magistério. Série Formação do Professor).

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O ensino de História com base na Educação Patrimonial e no Estudo do Meio**. *Cadernos do CEOM (UNOESC)*, v. 22, 2010.

SARTORATO, Eliana Giro. SANTOS, Anderson Pinheiro (org.) **A imagem como ferramenta pedagógica**. *Diálogos entre arte e público - Educadores entre museus e salas de aula: que diálogos são esses?* Caderno de textos II. Fundação de cultura cidade do Recife, 2009.